

Escutadoras de memória: a experiência de aprender fazendo

Memory Listeners: the experience of learning by doing

Cíntia de Sousa Carvalho¹, Solange Jobim e Souza²

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar uma pesquisa intervenção tendo como campo de atuação uma iniciativa interinstitucional de educação popular. Caracterizado como “Formação das Escutadoras de Memória”, foram realizados estudos teórico-práticos acerca dos modos de escuta das histórias de vida dos moradores das favelas. Parte do diálogo com autores que se afiliam à perspectiva sócio-histórica e crítica da cultura, tais como Walter Benjamin, Ecléa Bosi e Mikhail Bakhtin, esta pesquisa surgiu com a intenção de ampliar o acervo do Museu de Favela (MUF). Para tanto, foi necessário oferecer uma formação teórico-prática para formar um pequeno grupo de moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, situada na cidade do Rio de Janeiro, para a realização de entrevistas de memória. A proposta foi realizar uma pesquisa intervenção de caráter ético-político-afetivo, e desenvolver com as participantes deste trabalho estratégias metodológicas que visaram sensibilizá-las para a importância das histórias de vida para o fortalecimento da identidade de uma comunidade. A pesquisa em pauta permitiu denunciar o enfraquecimento dos laços sociais e os efeitos subjetivos do isolamento, possibilitando reafirmar o valor da experiência comunal na tarefa existencial de criar sentidos para a vida.

Palavras-chave: Memória; História; Narrativa.; Escuta; Educação Popular.

Abstract: The objective of this article is to present an intervention research having as its field of action an interinstitutional initiative of popular education. Characterized as "Education of the Memory Listeners", theoretical-practical studies about the ways of listening to life histories of favela residents were carried out. Starting from the dialogue with authors who are affiliated with the socio-historical and critical perspective of culture, such as Walter Benjamin, EcléaBosi and Mikhail Bakhtin, this research arose with the intention of enlarging the collection of the Museum of Favela (MUF). In order to do so, it was necessary to offer a theoretical-practical training to teach a small group of residents of the favelas Pavão-Pavãozinho and Cantagalo, located in the city of Rio de Janeiro, to perform memory interviews. The proposal was to conduct an intervention research of ethical-political-affective character, developing with the participants of this work methodological strategies that aimed to sensitize them to the

¹ Psicóloga e Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Professora Assistente do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES). A pesquisa de Doutorado que originou o presente artigo foi financiada com recursos do CNPq e da FAPERJ. E-mail: psi.cintiacarvalho@gmail.com

² Professora Associada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Pesquisadora do CNPq e da FAPERJ. E-mail: soljobim@uol.com.br

importance of life histories for the strengthening of the identity of a community. The research in question allowed to detect the weakening of social ties and the subjective effects of isolation, making it possible to reaffirm the value of communal experience in the existential task of creating meaning for life.

Keywords: Memory; History; Narrative; Listening; Popular Education.

1. Iniciando a caminhada

Becos, vielas, travessas. Caminhos estreitos, limitados por paredes de ambos os lados, testemunhas das passagens e dos passantes. Degraus que levam para cima e para baixo. Uma infinidade de novos caminhos que aparecem nas curvas e reentrâncias: ali, surge um convite para se inventar outros itinerários. Pessoas vão e vêm, descem e sobem. A velocidade dos passos revela a pressa daquele que passa. Algumas pessoas sentadas à beira das casas assistem ao movimento do ir e vir. As casas, todas bem próximas, se solidarizam umas às outras, tornam-se apoio, acolhimento e limite no espaço comum. Com a estreiteza do caminho, o que acontece dentro das casas torna-se parte da paisagem daquele que anda. O dentro e o fora dialogam, se espiam, se revelam. Há muitas pessoas, muitas casas, muitos sons, muitas cores, muitas histórias...

O olhar do passante apresenta o cenário que engendrou toda a pesquisa-intervenção que se apresenta: a favela e seus caminhos, a favela e seus moradores, a favela e suas histórias. Que enredos vivem nas memórias dos moradores de favela? Como percorrer as galerias que fazem dialogar passado, presente e futuro? Que cenas se apresentam nesse andar elíptico pelos becos da memória?

Analisar as questões que atravessam o trabalho de escuta de memórias é o impulso que moveu esta pesquisa; para tanto, apresentamos uma iniciativa que podemos caracterizar como educação popular, mas que nasce apenas como um desejo de intercambiar saberes e histórias: a “Formação das Escutadoras de Memória”. O presente artigo tem como objetivo apresentar as reflexões metodológicas que surgiram ao longo do processo de pesquisa. Mas, antes de contarmos esta história, convidamos o leitor para nos acompanhar em um recuo no tempo, para que possamos mostrar os caminhos que nos levaram a flunar pelas passagens da favela e apostar na produção conjunta de um trabalho de formação.

2. Contando a história da história

No ano de 2011, foi criado o Núcleo Interdisciplinar de Memória, Subjetividade e Cultura (Nimesc/PUC-Rio), a partir de duas pesquisas que se

debruçaram acerca da temática da memória³. Constitui-se em grupo de estudos, pesquisa e extensão que integra os Departamentos de Psicologia e Artes & Design. Este núcleo possui como objetivo articular estudos e pesquisas em memória social e coletiva. Para tanto, tem como foco auxiliar o desenvolvimento de projetos sociais e culturais de comunidades que valorizem as histórias de vida, buscando formar pessoas que tenham o desejo de trabalhar com memória.

Ainda nesse mesmo ano, surgiu a possibilidade de estabelecimento de uma parceria do Nimesc com o Museu de Favela (MUF). De acordo com o site da instituição, o MUF é uma organização não governamental de caráter comunitário, fundada em 2008 por lideranças culturais moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, situadas na área nobre da cidade do Rio de Janeiro/RJ (Zona Sul). A proposta do território-museu é criar estratégias de valorização da memória dos moradores destas favelas, inventariando suas histórias, com o intuito de dar materialidade às narrativas e permitir uma maior visibilidade destas histórias de vida. O MUF, portanto, busca consolidar um território que se transforma em um museu “a céu aberto”, cujo conteúdo a ser divulgado é a própria favela e sua cultura, constituindo um polo de memória que possa ser também gerador de renda para os moradores:

O MUF surgiu um ano antes da chegada da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) nesse morro, enfrentando muitos desafios. Nesse primeiro museu territorial e vivo sobre memórias e patrimônio cultural de favela do mundo, o acervo são cerca de 20 mil moradores e seus modos de vida, narrativos de parte importante e desconhecida da própria história da Cidade do Rio de Janeiro (site do MUF⁴).

Portanto, a proposta da instituição parte do pressuposto de que as histórias de vida têm um valor, pois, no cotidiano de pessoas comuns são percebidos e reconhecidos saberes e fazeres que guardam o legado da tradição, da herança cultural e da história de um povo. Neste contexto, não somente os artefatos materiais são compreendidos como bens culturais, mas também os processos de tecer a vida no dia a dia passam a ser considerados como parte de um patrimônio imaterial, tal como preconizado pela Nova Museologia (Chagas, 2005).

A proposta inicial do Nimesc junto ao MUF nasceu a partir do objetivo de apoiar e expandir as possibilidades de atuação das práticas e projetos já existentes neste território-museu, o que culminou com nosso encontro com uma interessante iniciativa: o Prêmio Mulheres Guerreiras. Uma das atividades do calendário anual do museu, o objetivo deste prêmio é homenagear mulheres que possuem um valor social para a favela, que são exemplos de vida para as novas gerações, em suma, mulheres

³ “Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários” (Gusmão, 2009); e “Álbuns de retratos, infâncias entrecruzadas e cultura lúdica: Memória e fotografia na Brinquedoteca Hapi” (Porto, 2010).

⁴ Para conhecer mais: <http://www.museudefavela.org/>

que são compreendidas como guardiãs da memória da família, cujas histórias apresentem luta e superação.

A atividade era, à época da pesquisa, estruturada da seguinte maneira: o prêmio era lançado e divulgado para toda a favela (pela Rádio Comunitária, que funcionava por meio de alto-falantes espalhados pelo território, chamados de Boca de Ferro; através de distribuição do material de divulgação nas instituições da favela; e por faixas em lugares estratégicos). Depois, as mulheres poderiam se inscrever ou ser indicadas por alguém durante um prazo estabelecido; em seguida, as inscritas eram entrevistadas; e, por fim, com base nas entrevistas, a comissão julgadora (o próprio Colegiado de Diretores do MUF) elegia as doze mulheres com as histórias que mais representavam a memória coletiva do complexo de favelas, sendo estas as ganhadoras.

O prêmio possui um caráter simbólico: a premiada recebe um diploma de Mulher Guerreira e a entrega é feita durante um evento de comemoração, frente aos amigos e familiares, como forma de valorizá-la junto aos seus próximos. Isso porque o objetivo do prêmio é o de reconhecer as histórias de vida das ganhadoras e celebrar sua experiência. Ao invés de buscar gerar renda para os moradores, como no caso de outras atividades do museu, o prêmio busca gerar emoção. Após as premiações, os esforços do museu se concentram em transformar as histórias em exposições itinerantes, que percorrem o território, mas também outros espaços da cidade.

No ano de 2012, com o objetivo de cartografar os modos de fazer do museu, os(as) pesquisadores(as) do Nimesc acompanharam a produção do prêmio. Estivemos presentes especialmente durante as entrevistas, realizadas por uma das diretoras do museu, Rita Santos⁵, que ocupava o cargo de curadora de memórias. As observações das entrevistas para o prêmio daquele ano se tornaram, então, matérias-primas para a intervenção no ano seguinte. Nesta primeira etapa fizemos o reconhecimento do território e da experiência dos integrantes do MUF com a prática de entrevistas. A partir deste momento iniciamos uma nova etapa, ou seja, a do aprendizado de compartilhar os saberes e fazeres acadêmicos com os modos de agir dos integrantes do MUF para alcançar seus objetivos.

3. Formação das escutoras de memória

Diego não conhecia o mar.
O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,
depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.
E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor,

⁵ Os nomes utilizados neste artigo não são fictícios, decisão que foi tomada com anuência dos envolvidos.

que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,
gaguejando, pediu ao pai: Me ajuda a olhar!
(Eduardo Galeano, 2002, s/p)

No processo de avaliação do prêmio de 2012, figurou como relevante a necessidade de ampliarmos o número de entrevistadoras do museu. Assim, nasceu a “Formação das Escutadoras de Memória do Museu de Favela: modos de escuta e registro em memória social”. Esse curso funcionou ao longo de um semestre na base operacional do museu, com encontros quinzenais que duravam cerca de duas horas (sempre às segundas, das 18h00 às 20h00). Os encontros contavam com a presença de alguns membros do MUF, do Nimesc e cerca de dez moradoras das favelas Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. Além de sua intenção formativa, se constituía como preparação para a produção do Prêmio Mulheres Guerreiras 2013, momento em que as moradoras formadas colocariam em prática o conhecimento construído⁶.



Figura 1: Formação das Escutadoras de Memória do Museu de Favela. Crédito de Imagem: Bruno Martins.



Figura 2: Eunice, Rita de Cássia, Maria Guilhemina, Marta, Marília, Débora, Fabiana, Vânia, Lis, Cintia e Danilo. Crédito das Imagens: Deborah Mandelblatt.

⁶ Para se ter uma melhor ideia acerca do contexto da formação, ver o seguinte vídeo produzido por Bruno Martins, atual bolsista de Apoio Técnico do CNPq, membro da equipe Nimesc/Psicologia: <https://www.youtube.com/watch?v=p9lr95E8pIc>

Ainda que não expressamente verbalizado, percebemos que a exclusiva seleção de mulheres para compor o grupo não havia se dado por acaso. Tão logo que pudemos conhecer um pouco melhor as participantes da formação, foi possível entender que a desvalorização das mulheres no mercado de trabalho foi um dos motivos que fez com que elas estivessem com maior disponibilidade para a atividade proposta pelo MUF. As discussões relacionadas ao mundo do trabalho volta e meia surgiam, quase sempre ligadas à frustração, ao desânimo frente aos processos interrompidos, à desvalorização da mão de obra feminina. Uma das participantes sempre nos oferecia seu serviço: “Se souber de alguém que precisa de faxina, só me avisar. Faço em qualquer bairro, só não pode ser muito longe, senão não compensa”. Assim, a formação era um modo de inseri-las numa atividade que geraria renda, visto que no futuro as mulheres formadas seriam prestadoras de serviço do MUF na realização de entrevistas de memória.

Atentos a este contexto, no âmbito das reuniões de avaliação e planejamento da formação, os diretores do museu apontavam a necessidade de buscarmos formas de retribuir financeiramente as mulheres durante o curso, de modo que garantíssemos a continuidade do grupo no projeto. A questão financeira foi para a equipe Nimesc um contratempo que atravessou e desestabilizou a pesquisa. Advindos de um solo acadêmico, cuja participação dos sujeitos, via de regra, acontecia de forma voluntária, analisávamos as possíveis interferências desse fator nas relações entre os participantes da pesquisa. Por outro lado, buscamos problematizar o voluntarismo no âmbito da pesquisa acadêmica, entendemos que o incentivo financeiro por meio de ajudas de custo, criaria condições para a permanência das mulheres na pesquisa; afinal, estávamos lidando com um grupo em situação de vulnerabilidade social, muitas delas com histórico de constante marginalização no contexto de produção capitalista, pressionadas pelas exigências concretas de sobrevivência. Ademais, o curso tornou-se também profissionalizante, na medida em que o museu iria privilegiar estas mulheres quando da contratação de entrevistadores. Portanto, a formação tinha deixado de ser tão somente um dispositivo educativo e de investigação, para tornar-se também uma oportunidade profissional⁷.

Mesmo que solucionada a problemática financeira, novos desafios foram surgindo, pois, o dinheiro, ainda que importante e necessário, também não seria garantia de permanência no projeto. De acordo com uma das diretoras do museu, Kátia Loureiro, a expressiva evasão dos cursos que acontecem na favela possui relação direta com a experiência de descontinuidade advinda da exclusão social, dos ciclos frágeis que não se fecham e, por não gerarem sentido imediato, acabam fomentando a lógica do “hoje por hoje e amanhã pelo amanhã.”

A diretora sinalizava que se outras oportunidades de retorno mais concreto surgissem ao longo do processo, algumas mulheres poderiam facilmente abdicar da formação, pois naquele contexto há uma marca imediatista muito forte. Porém,

⁷ O incentivo foi cedido pela Vice-reitoria Comunitária da PUC-Rio, por meio da parceria estabelecida com o Prof. Augusto Sampaio.

assinalou que o abandono dos cursos não é necessariamente sinônimo de desinteresse, mas um descompasso entre a realidade da favela e a lógica mais clássica da educação. Isto é, muitas das iniciativas educativas não produzem um laço direto com a realidade dos moradores, são realizadas de fora para dentro e de cima para baixo, ou chegam prontas e não levam em consideração os saberes prévios da localidade. Além disso, são empreendimentos que parecem repousar numa lógica assistencialista, onde o “favelado” é visto como uma *tábula rasa* que necessariamente precisa daqueles saberes, pois, é efetivamente sua falta – dos saberes –, que coloca o “favelado” numa posição de subalternidade na pirâmide social.

O mecanismo acima descrito gera um processo de culpabilização complexo: não identificados com estes dispositivos educativos, os índices de evasão são expressivos e, como reação, há uma produção discursiva onde o morador de favela é compreendido como “preguiçoso”, “desinteressado”, “responsável pelo lugar social que ocupa, pois não sabe aproveitar as oportunidades”. Essas máximas buscam justificar a falência dos cursos que sobem à favela, criando uma identidade naturalmente indolente do “favelado”.

A sensível provocação trazida por Kátia nos convocou a produzir uma estratégia metodológica que conduzisse o aprendizado a partir da ação, ou seja, o agir humano provocando a reflexão que conduz ao aprendizado e não o inverso. As palavras da diretora acerca do absentismo e do abandono dos cursos na favela nos sensibilizaram a produzir uma metodologia de trabalho cujo mote fosse a inclusão das experiências das mulheres na pauta da formação, e fazer os conceitos e reflexões teórico-metodológicas nascerem de suas palavras e experiências. Tal como proclama Galeano na epígrafe deste item, estávamos todos engajados na tarefa de ajudar e ser ajudado a olhar. Buscávamos produzir um espaço de troca de experiência, uma espécie de ateliê de ideias, no qual uma situação era lançada – uma ideia, uma cena de filme ou uma atividade prática – e discutida coletivamente. Pretendíamos criar um ambiente que não se identificasse com a lógica de uma retórica unidirecional. Assim, apostávamos num encontro onde o diálogo fosse a tônica e o saber fruto de uma produção coletiva.

A metodologia que buscávamos criar ao longo da formação, cujo objetivo foi produzir conhecimento compartilhado sobre histórias de vida, tinha como meta a compreensão ao invés de explicar os fatos do passado. Sem a pretensão de explicações ou de alcançar verdades absolutas sobre os fatos vividos, as histórias de vida ficam livres para se multiplicarem e ganharem novos contornos. Para Bakhtin (1988; 2003), explicar é um ato monológico, produção que envolve apenas uma consciência que traduz e enuncia, cristalizando o sentido em uma verdade última. A compreensão é um ato de outra ordem, pois sua base é dialógica, portanto, envolve sujeitos que se engajam no projeto de contemplar e compreender uma consciência fora de si, isto é, a consciência de seu outro. É que

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que

estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (Bakhtin, 1988, p. 132).

O movimento de entender o outro como outro que fala, deseja e sabe – e não como uma página em branco – e que, deste modo, é parceiro no processo de compreender a vida e a história, nasce de uma determinada postura metodológica que entende que o objeto das ciências humanas é um ser expressivo e falante (Bakhtin, 2003, p. 395). Assim sendo, a especificidade deste objeto reside na sua dimensão de responsabilidade, sendo este o fator responsável pela produção de inúmeras possibilidades na criação de sentidos, uma vez que é o próprio sujeito, em sua condição necessariamente inacabada, que está aqui em jogo. Essa condição de “objeto que fala” desencadeia uma marca dialógica que é fundamental para a relação de pesquisa, pois na medida em que o sujeito não é mudo, ele reflete e refrata a palavra do pesquisador, uma vez que:

O outro não é apenas um objeto a ser pesquisado ou um informante de dados a serem analisados, mas é um sujeito cuja palavra confronta-se com a do pesquisador, exigindo um posicionamento, uma resposta. Por outro lado, a palavra do pesquisador recusa o lugar de neutralidade, sendo parte dos jogos de linguagem que se configura no âmbito da pesquisa, que é também um acontecimento social (Jobim; Souza, 2011, p. 41).

O entendimento de que o outro é parceiro no processo de compreensão transformou-se no desafio para criar as condições de possibilidade para a produção de um ambiente favorável à enunciação e a uma escuta que permitisse incluir o desejo e o saber do outro. Compreender é um ato de criação recíproca que gera uma constelação sempre crescente de sentidos. Assim, buscamos habitar um plano comum junto às mulheres – ainda que não fusional – na tarefa de inventar modos de escutadas memórias da favela. Naquele momento, já não se tratava mais de uma estratégia de combater tão somente a evasão, mas do entendimento profundo que, de outro modo, não haveria a possibilidade de encontro com as mulheres em formação e com as histórias da favela.

4. Educação como dispositivo de sensibilização para as histórias de vida

Ao considerar a Formação das Escutadoras de Memória tínhamos a intenção de formar as moradoras para a realização de entrevistas e ampliar a consolidação do museu, mas não só. O anseio maior era o de valorizar o desejo de memória da comunidade, sensibilizá-la para o reconhecimento de sua própria história. Quando estimuladas a pensarem sobre essa questão, as participantes sinalizaram a importância de recuperar o desejo de ouvir histórias, do fortalecimento dos laços e da troca de experiências:

Marli Melo (escutadora): O que é que acontece hoje em dia. As pessoas mais jovens não têm paciência, principalmente com as pessoas de mais idade. Aí nesse vai e vem do cotidiano, eles até deixam de aprender porque as pessoas que têm mais idade têm mais sabedoria, aprendizado de vida, várias experiências. Então são poucos que querem absorver a sabedoria dos mais idosos... Eu passo por uma experiência no meu dia a dia, eu não tenho formação acadêmica, mas já sentei em duas universidades, só não concluí. E no meu dia a dia eu convivo com pessoas que são formadas. E muitas das vezes eles vêm perguntar alguma coisa, por quê? Porque eu tenho um saber e eles a Academia. Então, vamos dizer assim, troca de saberes. Mesmo assim, muitos jovens não têm essa paciência, mesmo a formação acadêmica, têm pessoas que vão à Academia e aprendem e na hora que vão colocar o que aprendeu em prática, ficam perdidos...

Danilo Godinho (Nimesc): Precisa desse ensinamento dos mais velhos.

Marli (escutadora): É porque aprendeu na Academia. Nos livros qualquer um pode aprender. Não precisa nem da faculdade. Pode ir na livraria, comprar um monte de livro, estudar, estudar, estudar, estudar. Ler, ler, ler, ler. E vou saber aquilo tudo lá.

Danilo (Nimesc): É, e o que os mais velhos têm a ensinar muitas vezes não têm nos livros.

Marli (escutadora): E muitas das vezes nós temos a prática, o saber do dia a dia, o que a gente sabe ou o que a gente fala tá lá no livro, mas nem pegou no livro...

Solange (Nimesc): Quer dizer, não basta passar pela universidade pra ter uma relação sensível com a vida.

O diálogo acima sinaliza uma preocupação com a desvalorização da sabedoria dos mais velhos, arautos de experiências que os livros não comportam de todo. Aponta para o empobrecimento da cultura quando a tradição transmitida pela memória e pelas palavras dos mais velhos deixa de ser acolhida. A escuta não se limita a um trabalho ou ato pragmático, mas reforça uma dimensão mais profunda, naquilo que diz respeito ao reconhecimento da autoridade que detém quem conta uma experiência em primeira pessoa. Esse aspecto também foi alvo das preocupações de Bosi (2003), que denuncia o quanto nos sentimos frágeis frente à massiva experiência insular que vivemos no âmbito da vida nas grandes cidades. Segundo a autora, sem a memória, o caminho do presente fica sem os rastros que lhe dão sentido:

Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos? (p. 70).

Alguns apontamentos surgidos logo no início da formação nos remeteram às reflexões de Benjamin (1994) acerca da narrativa. O autor analisou criticamente as condições cada vez mais precárias do sentimento de comunidade e do exercício da tradição oral. O hábito de contar histórias pertence a uma prática cultural ameaçada de extinção com a modernidade. Mas, o declínio da experiência se deu pelo declínio da figura do narrador cuja faculdade de contar histórias garantia às gerações seguintes a possibilidade da transmissão de um legado: “É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências” (Benjamin, 1994, p. 198).

As narrativas orais representavam a possibilidade de manutenção e transmissão de uma experiência que se devia acolher e constantemente rememorar, pois o que é compartilhado de pessoa a pessoa engrossa o fio da história humana. A narrativa, portanto, é banhada nas águas da rememoração, no fruir do contar que mantém os legados da cultura e produz uma insônia coletiva em relação ao que não se deseja repetir.

Aquele que ouve histórias sabe que em algum momento poderá se apropriar do que está sendo dito, pois as histórias representam a herança de uma experiência vivida em profundidade e que vai contra uma fala instrumentalizada que nada pretende sedimentar. Mas, segundo Benjamin (...), a sociedade moderna viu pouco a pouco esvanecer-se a figura do narrador porque cada vez menos havia aqueles dispostos a escutar histórias. O pesquisador refere-se à narrativa como uma forma artesanal de comunicação, entendendo que o modo de lidar hoje com a produção industrial mimetiza nosso modo de lidar com a transmissão da experiência. O autor defende então que sem a figura do narrador, enfraquece-se a experiência, a memória, a história de um povo, em suma, sua identidade.

Com isso, desaparece o dom de ouvir, e desaparece a comunidade dos ouvintes. Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. E quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (Benjamin, 1994, p. 205).

Assim, a narrativa assume em Benjamin o estatuto ético de preservação de um legado a ser transmitido de geração em geração, cuja responsabilidade é de todos. Neste sentido, compreende-se que existe um dever de não deixar que as narrativas se extingam, fazendo com que histórias e valores individuais possam permanecer vivos se perpetuando como um legado coletivo.

Os posicionamentos surgidos nos primeiros encontros da formação nos forneceram um panorama de que já estava presente no pensamento das participantes a

importância da memória e da necessidade de estimularmos a criação de uma comunidade de ouvintes, desejo que vivia latente, aguardando o momento para sua realização. Aliás, nasce dessas discussões o nome “escutadora de memória”:

Eu acho, que o que vocês estão dizendo aí, é que vocês criaram uma comunidade de ouvintes, pois se a gente não tem quem ouça as nossas histórias, elas desaparecem. Histórias só reverberam se tem alguém para escutá-las... Eu queria trazer esse nome aqui para este grupo, vocês como entrevistadoras, ao invés de chamar de entrevistadoras, que é uma coisa muito formal, vocês seriam um grupo de ouvintes, de pessoas que vão ouvir, uma comunidade de mulheres que vão ouvir, que na medida em que você escuta, você também revê a sua própria história. [...] Solange (Nimesc).

Nós vamos agora ser escutadoras de memória. Kátia (MUF)

Gostei desse nome: escutadora de memória. Solange (Nimesc)

Kátia (MUF): Ouvinte é chique demais. Kátia (MUF)

Instituir um nome que nos identificasse foi importante no sentido de apontar para aquilo que nos unia: a escuta. A força performática da linguagem fazia-nos criar uma identidade, um corpo, uma existência entranhada na palavra. De acordo com Muricy “Nomear violenta o real e, ao mesmo tempo, dá acesso a ele. É pela palavra nomeadora que as sensações tornam-se distintas. Em outros termos, só se vê o que se nomeia” (Muricy, 1999, p. 24).

Por outro lado, víamos os limites do termo “escutador”, posto que um diálogo não se tece apenas com a ação dos ouvidos. Entretanto, sublinhar o aspecto do acolhimento do relato do outro foi importante para marcarmos politicamente uma ação que parece estar “fora de moda”, tendo em vista que vivemos num contexto de (hiper)valorização da expressão oral, onde muito se fala e pouco é transmitido, devido à escassez de pessoas dispostas a ouvir.

Na formação, buscávamos ir à contramão da lógica que possibilitou o desaparecimento do narrador denunciado por Benjamin (1994), reforçando a potência e a importância de se resgatar a arte narrativa para doar outras versões à história. Assim sendo, mais do que dar a voz, como comumente ouvimos nos corredores de pesquisa, pretendíamos “emprestar o ouvido” e fazer reacender o desejo de narrar. Nutríamos uma preocupação premente com o legado de cultura que, se não aninhado com cuidado, se esvaziaria ainda mais num mundo em que a vivência imediatista tomou proporções significativas e o desenraizamento da experiência tornou-se um valor.

5. Formação como espaço de encontro e narração de si

O posicionamento metodológico perpetrado na formação produziu uma dinâmica inteiramente inesperada e que merece aqui ser apresentada. As participantes, sentindo-se genuinamente escutadas e incluídas, passaram a se apropriar dos encontros vendo-os como espaço de convívio e de narração de si. Isto é, ali compartilhavam memórias, expectativas e desabafos. Em síntese, viviam a formação como um espaço de encontro, de troca de experiências e de debate.

Algumas participantes pareciam também enxergar o espaço como propício para procurar coletivamente respostas para os impasses e dificuldades vividos ao longo da vida. Elas sinalizavam o desejo por tecer, no bojo do coletivo, sentidos para algumas experiências que antes gravitavam sem encontrar um espaço subjetivo que lhes coubesse.

Podemos citar o caso de uma das escutadoras que havia perdido o filho havia cerca de um ano. Contou que até aquele momento não tinha identificado a causa da morte – se por atropelamento ou assassinato, sendo esta segunda opção a que mais lhe convencia –, tampouco pôde enterrá-lo, pois o jovem havia sido sepultado como indigente. Essa história sempre retornava e a escutadora parecia pedir a ajuda do grupo para elaborar a experiência traumática que a acompanhava. Durante um encontro em que assistimos um trecho do filme “O fim e o princípio”, de Eduardo Coutinho, ela comentou⁸:

Escutadora⁹: Interessante ela falou que não vai casar nunca mais. Por criar assim seis filhos sozinha, ainda mais na terra, sertão, acho muito difícil. Eu, carioca da gema, não consegui muito, entre aspas, porque meu filho se meteu na vida do crime. Eu tentei lutar pra ele não se meter. Quando ele era menor, adolescente, eu corria atrás, mas ele cresceu... É difícil você ver hoje em dia uma criança pegar um caderno e estudar... Porque é uma luta você criar quatro filhos. Eu perdi um, meu bando foi desviado de um, mas os outros, graças a Deus, tá tudo no caminho da paz... Vou conseguir, que nem ela.

Mas olha como é interessante, quando a gente troca as nossas histórias e nos ouve. A senhora se identificou com a história lá da Paraíba, lá do sertão. E a senhora é carioca da gema... Cíntia (Nimesc).

Tem umas mães aí que deixa relevar. As que gostam do filho ficar com arma na mão. Que nem eu falei aqui da minha história, enquanto eu pude ficar lá: “– Ah, cê vai vender droga? Então eu vou vender droga contigo”. Ou então vamos pra casa. Olha, não sei como não fizeram nenhuma maldade comigo na época... Ele se meteu num lado tão intenso das drogas depois de adulto, que Deus ceifou a vida dele. Mas os outros estão aí, tudo bem. Os meninos estão ótimos, estudando. Eu vou conseguir criar eles sem se meter em bagunça, na rédea curta (silêncio na sala). Escutadora.

⁸ Link para o filme: <https://www.youtube.com/watch?v=VQC51XZ5ow>

⁹ Por conta do conteúdo de sua denúncia, aqui, preferimos não revelar a identidade da mulher.

O apelo coletivo da escutadora lançava-nos à reflexão de que o trabalho com a memória da favela é uma ação política, visto que muitas das histórias são também denúncias. A avidez por falar surgida na formação evidenciava este fato, pois, ali, o trabalho com o passado esgarçava a lei do silêncio e da negação. Os cacos do passado eram lançados ao grupo, na expectativa de encontrar sentido frente ao caos instalado por algumas experiências. A escutadora pedia ajuda para enterrar seu filho, mesmo que simbolicamente, buscando no grupo um apoio, uma companhia para fazer o luto que não pudera ser feito. Esse cenário coaduna com a reflexão de Gagnebin (2006):

Tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente). Tarefa igualmente ética e, num sentido amplo, especificamente psíquica: as palavras do historiador ajudam a enterrar os mortos do passado e a cavar um túmulo para aqueles que dele foram privados. Trabalho de luto que nos deve ajudar, nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor viver hoje. Assim, a preocupação com a verdade do passado se completa na exigência de um presente que, também, possa ser verdadeiro (p. 47).

A equipe Nimesc observava a postura das participantes de modo paradoxal. Víamos a potência e a importância de o espaço ser utilizado para a narração das experiências das mulheres, mas o conteúdo daquilo que era verbalizado e o tempo gasto para isso nos causou, no início, um estranhamento traduzido em desconforto e angústia. Afinal, aquele não era um espaço de formação, de estudo? O tom personalista das discussões nos desacomodava. Vivemos temporariamente uma vertigem coletiva, pois não conseguíamos entender, de todo, o movimento que conduzia nossos propósitos para outros caminhos: ao invés de discutirmos como se daria a escuta de memórias dos moradores, estávamos nós no lugar de escutoras dos relatos. Como dar espaço para esses movimentos que pediam passagem?

Depois de muito discutirmos em reuniões internas, chegamos à conclusão de que também nossa condição de “psicólogos da PUC” incidia no enquadre relacional que havia se instituído naquele espaço. A atmosfera de acolhimento parecia desenterrar histórias embalsamadas pela falta de tempo e de escuta.

Gradualmente, percebemos a importância de incluir na “grade curricular” das escutoras a possibilidade de viverem a experiência de serem narradoras. Como compreender a importância da escuta se elas também não se sentissem escutadas? A construção de uma escutadora reivindica um espaço para a narrativa, produzindo com isso um certo tipo de conhecimento sensível acerca deste jogo de perguntas e respostas, palavras e silêncios, cumplicidade.

Ter a liberdade para recalcular o trajeto em meio às infindáveis possibilidades oferecidas pelo labirinto da pesquisa, eis o nosso rigor metodológico: adotar a potência do que enuncia o im-pre-visto (aquilo que não foi visto antes). Sobre esta questão, Amorim (1997) nos diz o seguinte:

Quanto aos métodos que eventualmente se formulem *a priori*, é preciso admitir que eles só podem ser postos para serem *alterados*. E as próprias questões, quando de fato acontece a pesquisa, ao final não serão mais as mesmas, o que implica ou fazer avançar o campo teórico de partida ou convocar outros campos teóricos (p. 138).

Frente ao desvio que se apresentou no caminho e na busca de romper com uma relação burocrática e produtivista com as mulheres, modificamos alguns procedimentos. As apresentações de *PowerPoint* que levávamos inicialmente com os conteúdos a serem apresentados, se tornaram apenas apontamentos que podiam ser abandonados sempre que a situação exigisse. Os roteiros dos encontros foram se tornando menos evidentes e afrouxamos o planejamento ao máximo, na busca de fazer *com* as escutadoras-narradoras o percurso da formação. A identidade de formador/educador não estava dada de antemão, estávamos também sendo formados neste encontro específico. Todos esses movimentos anteriormente descritos possibilitaram que a formação seguisse até o fim praticamente sem desistências.

Considerações finais

O modo como a formação foi sendo estruturada – no diálogo e negociação constante com os envolvidos – nos legou reflexões importantes: produzir um espaço educativo que faça sentido, crie pertencimento e engajamento, requer assumir o outro como um outro que fala, deseja e possui saberes. Portanto, torna-se frágil a ideia de produzir uma intervenção vertical – pautada na polarização professor (aquele que ensina e sabe mais) x aluno (aquele que aprende e sabe menos) – pois fomos criando, colaborativamente, respostas às questões que foram surgindo. Na verdade, o próprio curso foi ganhando contornos e surgindo à medida que os encontros aconteciam.

A Formação das Escutadoras nos convocou a refletir também acerca da impossibilidade de produzirmos práticas educativas e culturais que são formuladas em bases meramente técnicas. A formação, muito mais do que ensinar um bom jeito de realizar entrevistas, abriu a possibilidade de uma intervenção de caráter ético-político-afetivo. Em última instância, no caso dessa intervenção específica, o dispositivo da formação se tornou ferramenta de sensibilização para a importância da história no fortalecimento da identidade de uma comunidade. Além disso, permitiu denunciar o enfraquecimento dos laços sociais e os efeitos subjetivos desse isolamento, possibilitando reafirmar o valor da experiência comunal, que pode auxiliar os sujeitos na tarefa existencial de criar sentidos para a vida.

Por fim, compreendemos que a formação de escutadores é mais um passo que visa não só o aperfeiçoamento profissional, mas a construção da cidadania através do investimento no desejo de memória, pois busca criar uma contra-memória para desinstalar os discursos oficiais que insistem em enxergar a favela como uma anomalia urbana em meio ao corpo “saudável” da cidade do Rio de Janeiro. A valorização e o reconhecimento das biografias dos moradores de favela passam a se tornar, dentro desta perspectiva, ferramentas de resistência aos processos de exclusão.

Assim, talvez o trabalho da educação aqui empreendido, seja ainda o de ajudar a ver – tal como mencionado por Galeano (...) –, não apenas o que figura nos livros didáticos e no saber acadêmico-formal, mas os saberes cotidianos, bem como reconhecer o sujeito na posição de produtor de sua própria história.

Agradecimentos

Agradecimentos: Rita de Cássia Santos Pinto, Antônia Ferreira Soares, Mário Chagas, Sidney Silva (Tartaruga), Talita de Castro, Danilo Marques da Silva Godinho, Daniel Paes, Deborah Mandelblatt, Jorge Langone, Lis Amorim, Nílton Gamba Júnior, Cristina Laclette Porto e Denise Sampaio Gusmão

Referências

Amorim, M. (1997). O Detetive e o pesquisador. Documenta. Eicos/Cátedra Unesco de Desenvolvimento Durável/UFJF, v.6, n.8, p. 127-141.

Bakhtin, M. (Volochinov) (1988). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec.

Bakhtin, M. (Volochinov) (2003). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Benjamin, W. (1994). *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense.

Bosi, E. (2003). *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Chagas, M. (2005). Casas e portas da memória e do patrimônio. In: Gondar, Jô; Dodebei, V. (Orgs.). *O que é Memória Social?* Rio de Janeiro: Contracapa Livraria; Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Gagnebin, J. M. (2006). *Lembrar Escrever Esquecer*. São Paulo: Editora 34.

Galeano, E. (2002). *O Livro dos Abraços*. Porto Alegre: L&PM.

Gusmão, D. S. (2009). *Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários*. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Jobim e Souza, S. (2011). Mikhail Bakhtin e as ciências humanas: sobre o ato de pesquisar. In: Freitas, M. T. de A. (Org.). Escola, tecnologias digitais e cinema. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p. 35-44.

Muricy, K. (1999). Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

Porto, C. L. (2010). Álbuns de retratos, infâncias entrecruzadas e cultura lúdica: Memória e fotografia na Brinquedoteca Hapi. Tese de Doutorado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.